

Multimodalidade, Dialogia e Raça: Djongador das Palavras

*Multimodality, discourse and
race: Djongador of words*

Bruna Carolini BARBOSA (UFAC)
bruna.carolini@ufac.br

Recebido em: 31 de ago. de 2022.
Aceito em: 15 de nov. de 2022.

BARBOSA, Bruna Carolini.
Multimodalidade, Dialogia e Raça:
Djongador das Palavras. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 12, n. 3, e2551, p. 18-37,
set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-
6321-32551.

Resumo: A linguagem, mais que estrutura ou mero instrumento de comunicação, está indissociavelmente implicada no/pelo social. Partindo dessa premissa, este trabalho tem como objetivo analisar um vídeo-post da página “Quebrando o Tabu”, intitulado “Vai falar que todo preto é bandido? Mentira! – Djonga lendo comentários”, em que o *rapper* mineiro Djonga responde perguntas de internautas sobre diferentes temáticas, tais como violência, raça, racismo e antirracismo. A análise é realizada à luz dos pressupostos teóricos bakhtinianos, sobretudo ao que concerne a dialogia constitutiva do discurso, neste caso, o discurso digital. Inicialmente, teorizamos acerca dos conceitos fundamentais ao trabalho; em um segundo momento, analisamos alguns segmentos discursivos do objeto, considerando sua multimodalidade. A discussão volta-se para o modo como são estabelecidas as relações dialógicas presentes e identificáveis nesta materialidade linguístico-discursiva, bem como para a constituição das categorias raça e racismo. As análises apontam para a compreensão de que o discurso é composto por uma trajetória ideológica de sentido, observável e desvelada nos gestos de interpretação, em que as dimensões sócio-históricas estão necessariamente implicadas.

Palavras-chave: Análise Dialógica.
Discurso. Raça.

Abstract: Language, more than a structure or mere instrument of communication, is inextricably implicated in/by the social. Based on this premise, this work aims at analyzing a video posted on the page “Quebrando o Tabu”, entitled “Do you say all black people are robbers? Lie! – Djonga reading comments”, in which the rapper Djonga, from Minas Gerais, answers questions from internet users on different topics, such as violence, race, racism and anti-racism. The analysis is carried out in view of Bakhtin’s theoretical assumptions, mainly with regard to the constitutive dialogue of discourse, in this case, digital discourse. Initially, we theorized about the fundamental concepts of the work; secondly, we analyzed some discursive segments of the object, considering its multimodality. The discussion is about how the dialogical relations present and identifiable in this linguistic-discursive materiality are established, as well as to the constitution of the categories race and racism. The analyzes indicate the understanding that the discourse is composed of an ideological trajectory of meaning, observable and unveiled in the gestures of interpretation, in which the socio-historical dimensions are necessarily involved.

Keywords: Dialogic Analysis. Discourse. Race.

Introdução

O discurso, materializado na e pela linguagem, pode ser compreendido no contexto deste trabalho como ação social. Orlandi (1999, p. 15) afirma que o discurso é “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Analisá-lo envolve a interpretação não da língua enquanto estrutura, mas de linguagem viva, situada sócio-historicamente, ideologicamente orientada e dialogicamente constituída.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar, a partir de uma concepção dialógica do discurso, a verbo-visualidade em um vídeo-post intitulado “Vai falar que todo preto é bandido? Mentira! – Djonga lendo comentários”, produzido pela página “Quebrando Tabu” e publicado no YouTube, plataforma digital para compartilhamento de vídeos. Baronas, Araujo e Ponsoni (2013, p. 25) afirmam que esta plataforma “é um lugar privilegiado para os estudiosos do discurso que pretendem analisar os significados sociais que circulam com uma ‘suposta’ liberdade sem fronteiras”, assim, encontramos nessas produções um promissor material de análise.

Mais especificamente, partimos da indagação que orienta as reflexões teórico-analíticas empregadas neste trabalho: quais as relações dialógicas e ideológicas presentes nos segmentos discursivos do vídeo do *rapper* Djonga?

A fim de responder tal questionamento, mobilizamos os pressupostos bakhtinianos sobre discurso e dialogia, bem como suas relações com as questões raciais. Por fim, nos dedicamos à análise do

corpus selecionado, observando quais relações dialógicas e ideológicas perpassam e constituem este objeto.

Metodologicamente, nos orientamos por uma abordagem qualitativa e, para a análise da verbo-visualidade, utilizamos as cenas do vídeo, bem como empreendemos a descrição dos segmentos verbais, uma vez que consideramos a indissociabilidade dos componentes visuais e verbais. São elencadas algumas cenas e segmentos da fala para a análise e essa seleção foi realizada tendo como eixo norteador a pergunta e objetivo da pesquisa.

A relevância da pesquisa assenta-se nos pressupostos basilares da Linguística Aplicada transdisciplinar, que tem voltado suas investigações para questões sociais, no intuito de lançar luz sobre problemas que tenham como centralidade os usos da linguagem. Compreendemos que o racismo, enquanto ideologia, materializa-se discursivamente, o que nos coloca – linguistas e não linguistas – diante de um compromisso: discutir e assumir as questões raciais enquanto violência simbólica que se efetiva na e pela linguagem.

Linguagem, Interação e Discurso

Neste trabalho, partimos da concepção bakhtiniana, em que a linguagem situa-se nos eventos da vida; a linguagem, assim, não é imanência, mas atividade; é uma manifestação que revela posições semântico-axiológicas impregnadas de relações dialógicas. A linguagem sustenta-se na comunicação daqueles que a usam, dessa forma, “[...] a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 15).

Para Bakhtin, cada ser humano é visto axiologicamente como um centro de valor, sendo assim o enunciado é uma unidade de comunicação discursiva, entendido como posição semântico-axiológica. De acordo com Bakhtin (2010), conceber a linguagem como uma atividade implica assumir posições axiológicas, posicionar-se em relação a valores:

O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. (BAKHTIN, 2010, p. 142).

Desse modo, o princípio organizador e estruturador do discurso situa-se na interação e na responsividade. Dessa forma, a linguagem é vista como interação mediada pelo diálogo. Cabe ainda ressaltar que as relações dialógicas não são as réplicas do diálogo concreto; diálogo aqui é entendido em sentido amplo, em que as relações são mais diversificadas e complexas, atravessando a linguagem como atividade e as relações entre os centros de valor (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 127), não como interação face a face, apenas. Assim,

[...] as relações dialógicas são relações entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido acabam em relação dialógica. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 331).

Bakhtin (2010, p. 272) aduz que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, ou seja, o indivíduo utiliza conhecimentos dos enunciados anteriores para compor a sua fala, revelando, assim, o caráter dialógico do discurso. De acordo com Barros (1997, n.p.), “Bakhtin considera o dialogismo o princípio construtivo da linguagem e a condição de sentido do discurso”, reitera que o discurso não é individual, dado que é construído pelos interlocutores em interação.

Em uma perspectiva dialógica, os enunciados dialogam entre si, visto que os discursos anteriores constroem o enunciado atual, que, por consequência, dialoga com enunciados futuros. De acordo com Bakhtin (2017):

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 2017, p.79).

Em razão disso, Barros (1997) afirma que Bakhtin estabelece relação entre dialogismo e polifonia, distinguindo dialogismo como vozes que se relacionam ao produzir um enunciado fundamentado

em enunciados anteriores e polifonia “[...] para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele que são percebidas muitas vozes” (BARROS, 1997, n.p.).

Considerando a ótica bakhtiniana (1995), a linguagem é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, visto que a partir dela o homem constrói seu discurso. Rodrigues e Dantas (2015) afirmam que através da palavra é possível definir a relação do eu com o outro, dessa forma, se a palavra de um lado se ampara ao locutor, do outro ela ampara-se ao interlocutor.

A noção de interdiscurso em Bakhtin aparece sob o nome de dialogismo. Para ele o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e se dá sempre entre discursos. O termo intertextualidade, por sua vez, não ocorre na obra do autor russo; contudo, ele menciona as relações dialógicas intertextuais e intratextuais (FIORIN, 2014). Dada a importância de tais conceitos para a análise empreendida aqui:

[...] chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O texto *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. (FIORIN, 2014, p. 181).

Raça e Discurso

Em termos sociais, a palavra “raça” é usada para determinar grupos de pessoas a partir de suas características físicas distintas, como afirmam Santos *et al.* (2010). No Brasil, a identidade racial é uma construção social, forjada discursivamente a partir dos traços fenotípicos que classificam negros e brancos (GUIMARÃES, 2005). Diferentemente dos Estados Unidos, em que a ancestralidade define a raça, no Brasil, este conceito é acrescido do adjetivo “social”, já que as pessoas “lidas” socialmente como negras são vítimas do racismo.

Almeida (2019) diferencia preconceito, discriminação e racismo. O preconceito racial é um julgamento fundamentado por opiniões e ideias generalizadas para pré-definir um indivíduo, podendo resultar em expressão que discrimina uma pessoa negra por considerá-la inferior. O racismo constrói, discursivamente, imaginários sociais acerca dos corpos negros, como no caso da associação do corpo negro masculino ao lugar da violência ou a fetichização e objetificação do corpo da mulher negra.

A discriminação racial é a ação preconceituosa em relação a uma pessoa ou grupo a partir de sua raça. Desse modo, a discriminação pode ser direta ou indireta. A discriminação direta é o desprezo a pessoas negras, ou seja, excluir o outro dos seus direitos, quando proíbem a entrada de negros em estabelecimentos ou recusam a atender clientes que sejam negros. Já a discriminação indireta não é praticada de maneira explícita, ou seja, são atos “não intencionais”; o indivíduo é colocado em situação de desvantagem simplesmente por causa da cor da sua pele, como em processos seletivos, em que são oferecidas vagas de ampla concorrência, mas acabam escolhendo pessoas brancas (ALMEIDA, 2019).

Ainda de acordo com o autor mencionado, o racismo é uma atitude depreciativa e discriminatória contra uma pessoa negra; conforme previsto na Lei nº 7.716/1989 (BRASIL, 1989), o racismo é considerado crime no Brasil. Contudo, em nosso país, há o que chamamos de mito da democracia racial:

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial. (ALMEIDA, 2019, n.p.).

O mito da democracia racial, refere-se ao falso pensar que, em uma sociedade, todas as pessoas, independentemente da cor de sua pele, possuem tratamento equânime. O mito da democracia racial está atrelado à falsa ideia de que o Brasil é um país harmonioso, onde não há racismo e não há preconceito.

Uma análise sociológica básica evidencia que, no Brasil, as pessoas negras foram obrigadas “a disputar a sua sobrevivência social, [...] em uma sociedade secularmente racista, na qual as técnicas de seleção profissional [...] são feitas para que ele permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas” (ALEXANDER, 2017 *apud* ALMEIDA, 2019, n.p.). As classes dominantes mantêm as estratégias de estratificação social, marginalizando os corpos negros e reafirmando constantemente o pacto da branquitude (BENTO, 2022).

A ideologia racista pode ser desvelada nos gestos de interpretação, uma vez que o discurso produzido materializa verbalmente as posições axiológicas, que são percebidas como vozes sociais (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). São esses valores ideologicamente constituídos que definem o discurso na interação, “[...] vozes sociais, em confronto no horizonte dialógico, se constituem a partir da relação com vozes anteriores e, por sua vez, dirigem-se a outras vozes, ou seja, suscitam uma resposta” (SIPRIANO; GONÇALVES, 2017, p. 65).

Descrição Metodológica

A partir das reflexões teóricas realizadas anteriormente, voltamo-nos agora à descrição dos elementos composicionais do gênero vídeo-post. A fim de organizar os elementos analisáveis, será realizada a transcrição de alguns segmentos discursivos, considerando seus elementos multimodais. Na análise, mobilizamos tanto a materialidade linguística quanto outros elementos constitutivos da significação, como os gestos e a entonação prosódica.

A seleção dos segmentos analisados foi orientada pela pergunta que norteia o trabalho: quais as relações dialógicas e ideológicas presentes nos segmentos discursivos do vídeo do *rapper* Djonga? A partir desse questionamento elencamos os enunciados em que os discursos racista e antirracista mostravam-se em oposição, digladiando-se na arena discursiva.

Conforme Leal e Costa (2019, p. 35), “multimodal é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição”. Consideramos o caráter indissociável da dimensão verbo-visual de um enunciado, ou seja,

[...] dimensão em quem tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção dos sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente. (BRAIT, 2013, p. 43).

A partir da transcrição, empreendemos os gestos de interpretação da produção dos sentidos e efeitos de sentido, cuja marca principal é a relação verbo-visual, entendida, portanto, como a articulação entre as diferentes dimensões da linguagem: oral, escrita, imagética etc.

Análise de Dados

A análise busca compreender, a partir da verbo-visualidade do objeto, as relações dialógicas estabelecidas no discurso do *rapper* Djonga, sobretudo ao que se refere às categorias raça, racismo e antirracismo. O objeto analisado é intitulado: “Vai falar que todo preto é bandido? Mentira! – Djonga Lendo Comentários”.

Gustavo Pereira Marques, popularmente conhecido como Djonga, nasceu em junho de 1994, em Belo Horizonte, e atua como *rapper*, compositor e diretor. Estudou até o sétimo semestre de História na Universidade Federal de Ouro Preto, interrompeu o curso para investir em sua carreira artística, mas sua formação e experiências pessoais estão presentes na sua arte.

O vídeo-post analisado foi publicado pela página “Quebrando o Tabu”, na plataforma YouTube. O “Quebrando o Tabu”, conforme sua própria descrição nas redes sociais, é uma marca de mídia multiplataforma especializada em Direitos Humanos; surgiu em 2011, abordando alguns temas polêmicos, como aborto, racismo, drogas, sexualidade, entre outros. Atualmente, é administrada por Guilherme Melles, somando mais de 12 milhões de seguidores nas redes sociais.

O tempo de duração do vídeo que compõe o *corpus* deste trabalho é de 7 minutos e 23 segundos. Nele, a partir de perguntas e respostas, podemos observar, na arena discursiva, centros de valores axiológicos antagônicos, em que se digladiam os discursos racista e antirracista. Há, na organização do vídeo, uma linearidade do diálogo concreto: o *rapper* Djonga realiza a leitura de comentários/perguntas selecionados pela produção do “Quebrando o Tabu” e os responde, de maneira argumentativa.

Um aspecto que deve ser destacado é a multimodalidade do próprio diálogo concreto que, mediado pela tecnologia, compõe-se da oralização da leitura das questões escritas que, enquanto são lidas, aparecem como legenda na tela. Além disso, a própria seleção das questões, realizada pela produção, já orienta discursivamente o diálogo; a edição, nesse sentido, não é neutra e é responsável pela construção dos sentidos, orientando discursivamente a interação.

O vídeo inicia-se com a leitura da primeira pergunta, pelo Djonga. A pergunta faz referência a um trecho da música “Olho de Tigre”, em que, no refrão, há o imperativo “fogo nos racistas”. A partir dessa relação intertextual, o interlocutor questiona se o *rapper* não acha

contraditório pregar a paz e ao mesmo tempo reproduzir em sua música esse posicionamento, o qual este interlocutor julga como violento. O *rapper* responde com um suscito “sim”, acompanhado de um sorriso irônico. A interpretação da ironia na materialidade linguística exige a articulação dela aos elementos prosódicos e à expressão facial do cantor, juntamente com o sorriso que acompanha a palavra. A verbo-visualidade, como pode-se depreender, produz os efeitos de sentido da enunciação.

A ironia e a resposta sem explicações ou justificativas apontam para um julgamento do artista em relação à pergunta. O “sim”, acompanhado de silêncio, valora negativamente o questionamento feito. O silêncio está impregnado de não ditos, que reafirmam o posicionamento antirracista contido no lema “fogo nos racistas”, da música de Djonga. Para Orlandi (2007), o silêncio, ausente da produção verbal, pode ser pleno de sentido, dessa forma é possível interpretar o silêncio de Djonga discursivamente como uma forma de ignorar, censurar e repreender o discurso do interlocutor.

Subtende-se, desse modo, que, diferentemente de quem faz a pergunta, ele não concebe como contraditória a luta pela paz e a luta pelo fim do antirracismo, mesmo quando esta esteja aberta a “expurgar” aqueles que praticam violência contra pessoas racializadas. Leão (2011), afirma que, para Kierkegaard, a definição mais pertinente do termo ironia é “figura do discurso retórico, cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa”, dessa forma a ironia também pode ser usada para criticar algo, como no caso deste segmento do vídeo-post.

Conforme Bakhtin (2006, p. 41), todas as manifestações verbais “estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual”. Dessa maneira, Djonga diz muito a partir de seus gestos e do discurso falado, enquanto característica de fala do produtor, o gesto de ler o comentário, levantar a cabeça respondendo ironicamente reforça os pontos críticos de sua fala.

Em seguida, um trecho da música “Olho de Tigre” é inserido, neste trecho ouvimos a voz do *rapper* ecoando o enunciado “fogo nos racistas”. A edição, ao trazer este videoclipe, especificamente neste trecho, tem o objetivo de contextualizar o expectador, a fim de que compreenda a relação intertextual da pergunta, bem como orienta, discursivamente, uma concordância com o enunciado do rapper.

[1] “Vocês pregam paz e falam fogo nos racistas? Vocês acham certo?”

[2] Sim

Consequente, Djonga realiza a leitura do próximo comentário: “Há que se parar com essa mania de proteger negros e índios, eles são gente como todos os brasileiros, não devem ser perseguidos, nem receber privilégios”. Djonga responde, inicialmente, com um questionamento retórico e irônico, uma vez que tal pergunta não requer de fato uma resposta ou mesmo não revela um desconhecimento ou incompreensão do *rapper*, mas é um recurso discursivo que ele emprega a fim de desvelar, em seu ponto de vista, o caráter absurdo do comentário.

Em seguida, Djonga contra-argumenta valendo-se da interdiscursividade, evocando o caso de Evaldo Rosa dos Santos, também conhecido como “Caso dos 80 tiros”, em que um carro, em que estava uma família negra, foi fuzilado por militares do Exército por ser confundido com um criminoso procurado. O homicídio ocorreu no dia 7 de abril de 2019, na cidade do Rio de Janeiro. Neste momento, o *rapper* recorre ao trágico episódio como meio de argumentar em favor do sentido que ele está construindo dentro deste discurso.

O segmento discursivo “morreram por confusões” (L 3) guarda em si uma relação interdiscursiva com a violência policial e o extermínio do povo negro, já que, como o próprio artista menciona, há inúmeros casos de morte de pessoas negras cujo agente de violência é a força policial. Diversas vezes em que isso ocorre, há a divulgação de um discurso padronizado de que a polícia ora confundiu a pessoa com alguma outra, ora confundem celulares, guarda-chuvas, entre outros objetos, com armas de fogo, e atiram como prevenção.

Segundo Orlandi (1999, p. 15), “o discurso como a palavra em movimento, prática da linguagem, procura compreender a língua dentro de uma perspectiva social”, dessa forma os argumentos produzidos revelam as práticas sociais das quais Djonga participa; suas composições e mesmo, neste caso, respostas aos interlocutores, podem ser compreendidos como letramentos de resistência (SOUZA, 2011).

Ao falar sobre os indígenas, mais uma vez o *rapper* traz à tona a violência que dizimou esses povos. Ao aludir à violência, Djonga procura evidenciar a inconsistência do argumento articulado no comentário de que negros e indígenas são privilegiados, corroborando

com o argumento de Almeida (2019, n.p.) quando este afirma que “o racismo se alimenta de um imaginário historicamente construído de que negros e indígenas são racialmente inferiores”.

Provavelmente, o autor desse comentário parte da incompreensão das políticas públicas de reparação, que visam a minimizar a dívida histórica que o país tem com esses povos. Além disso, há neste comentário a reprodução do mito da igualdade racial, a partir do qual defende-se a ideia de que todos são iguais, invalidando as singularidades de determinados grupos racializados e mesmo a diferença de tratamento conferido a eles. A pretexto de que “todos somos iguais”, são invalidadas as violências sofridas por corpos negros, indígenas, entre outros.

[3] Djonga: Como assim? Quem protege a gente que eu não sei? Tipo, do jeito que fala né, parece que a gente tá superprotegido, eu não sei, tipo, um pai de família, um senhor, né? Negro morreu com 80 tiros no Rio de Janeiro com a criança do lado, né com a família dentro do carro porque ele foi confundido entre outros moradores de favela que morreram por confusões. Não me parece que [...] que é uma confusão, né? E também não me parece justo.

[4] Sobre os índios, né, os índios estão superprotegidos mesmo, né? Superprotegidos, os que sobraram, né? Protegidos, inclusive, não sei por quem, porque sobrou muito pouco né?

Na pergunta seguinte, o interlocutor fala sobre a questão do racismo reverso. Segundo ele, por ser um ouvinte de *rap* há muito tempo, considera-se apto a falar que os brancos sofrem racismo reverso dentro do *rap*. Djonga, assim como na primeira pergunta, opta por não justificar e argumentar em relação a esse comentário e responde, com tom irônico – constituído a partir da entonação e expressão facial – um breve “desculpa”.

[5] “Eu ouço Rap desde 2016 então acho que já tenho experiência suficiente para falar sobre isso, nós brancos sofremos muito racismo reverso dentro do rap.”

[6] Desculpa.

Mais uma vez, podemos observar que o silêncio é, na verdade, permeado de não ditos. Djonga valora o discurso do racismo reverso

como algo sem fundamento e não vê razão para uma resposta articulada de sua parte; o uso do “desculpa” (L 6), reverbera uma apreciação negativa. Djonga reage desse modo porque compreende o racismo reverso como algo insustentável do ponto de vista social e histórico, já que a escravidão deixou resquícios que ecoam na organização social ainda hoje.

Conforme Azevedo e Damasceno (2021), considerando a trajetória histórica no Brasil,

[...] o racismo reverso não é apenas um equívoco, mas uma demonstração de como agem a diferença colonial e a colonialidade de poder através do judiciário e da inversão de referências históricas a favor do grupo privilegiado. (AZEVEDO; DAMASCENO, 2021, p. 323).

Nesse sentido, o racismo reverso é a ideia de que um grupo historicamente dominante sofre com atos de discriminação e preconceito praticados pela outra parte, a ideia é que, assim como ocorre com os negros, também os brancos estariam sofrendo com esse tipo de racismo estrutural, isto é, negros estariam discriminando racialmente os brancos e os prejudicando socialmente. No Brasil, o termo passou a ser utilizado quando foram implantadas as cotas sociais e raciais, a população branca percebeu o sistema de cotas e as reivindicações da comunidade negra como concessão de privilégios e reivindicação de benefícios (MACIEL *et al.*, 2019).

A pergunta seguinte refere-se à lei a partir da qual foram instituídas as cotas raciais. O interlocutor afirma que as cotas fazem com que aumente o racismo no país e, ao dizer que somos todos iguais, estão infringindo a lei; finaliza questionando o porquê de insistir nas diferenças. Silva (2019) afirma que as pessoas serem contrárias às cotas deve-se ao fato de que, no Brasil, a universidade é vista como um lugar privilegiado e de destaque social, e o racismo que constitui este imaginário faz com que a sociedade pense que a universidade foi feita apenas para brancos.

Djonga, em sua resposta, desvela o mito da igualdade racial que está presente no discurso do interlocutor. Responde que somos todos iguais no quesito espécie humana, mas que não temos igualdade de oportunidades, daí a relevância da política de cotas, sobretudo devido à escravidão que, historicamente, violentou um povo. Reitera que as pessoas devem parar de afirmar que somos todos iguais e que não há como falar de nada no Brasil sem falar sobre os povos negros,

que foram escravizados durante 400 anos. Problematisa, também, que as cotas não são a resolução definitiva do problema, mas por enquanto são necessárias.

[7] *“Cada lei aprovada que institui cotas raciais só faz aumentar o racismo nesse país, chega de infringirem a própria constituição, que diz que somos todos iguais. Por que insistir nas diferenças?!!”*

[8] *Não é questão de insistir nas diferenças, né. Somos iguais no quesito somos todos seres humanos.*

[9] *As cotas raciais ou coisa do tipo vem para debater com o quesito de igualdade de oportunidade [...] existem pessoas que têm limitações, até físicas, biológicas, que fazem com que nós não sejamos iguais, né?*

[9] *Vocês têm que parar com esse trem de somos todos iguais, sacô?*

[10] *Não tem como falar de nada no Brasil sem se esquecer que o povo negro foi escravizado durante 400 anos. A gente precisa de tratar esse assunto com seriedade devida.*

[11] *Apesar de eu entender quando uma pessoa faz uma crítica séria ao lance das cotas de que a gente também não resolve totalmente o problema, a gente precisa começar a ensinar a galera na base.*

[12] *Quando a pessoa faz 18 anos, véi, ela já tá praticamente formada. Ela já não estudou, ela já fez a escolha de talvez nem querer entrar na universidade. Talvez inclusive porque não teve, é, incentivo algum.*

[13] *Talvez se investir na base e na igualdade de oportunidade de estudo e de ensino, pra todo mundo igual, aí a gente vai poder falar, véi, “ah, talvez não seja necessário as cotas”, mas por enquanto, véi. Se não, não vai sobrar nada pra nós, cês vão pegar tudo.*

Neste dado momento, Djonga esquece o que estava falando, faz uma pequena pausa, sorri e afirma que não fuma maconha, a fim de justificar esse pequeno esquecimento. Para complementar sua afirmação reitera que se quiserem podem fazer exames para comprovar sua fala.

[14] *O que eu tava dizendo memo?*

[15] *Gente, eu juro que eu não fumo maconha, e o pior é que é verdade, pode fazer exame de sangue.*

Essa digressão que se faz no curso da dinâmica do vídeo – perguntas e respostas – é significativa para a análise uma vez que ela, principalmente se considerarmos o segmento “o pior é que é verdade”, evoca o estereótipo do *rapper* negro usuário de drogas. Almeida (2019, n.p.) afirma que “o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado”, esses estereótipos, entre tantos outros que são conferidos aos corpos negros, referem-se à materialização do racismo sutil, velado. Não significa que Djonga esteja reproduzindo esse racismo, mas, de modo satírico, faz menção a esse estereótipo.

Socialmente, existe um imaginário racista que atribui ao sujeito preto, pobre e periférico o estereótipo de um usuário de drogas. Djonga alude a esse estereótipo pois identifica-se com tais características e é por isso que “jura” que não usa drogas, justificando essa exceção ao imaginário recorrente.

No segmento discursivo seguinte, Djonga estabelece dois espaços sociais e discursivos a partir da recorrente utilização das formas pronominais nós/a gente em contraposição a eles/os caras/vocês. Essa oposição faz referência aos negros e brancos, buscando evidenciar a desproporcional posição ocupada por cada grupo. Ao evidenciar essa oposição social, evidencia-se também a oposição discursiva que organiza este vídeo, pautado na relação dialógica entre o discurso racista dos comentários e o antirracista do *rapper*.

[16] *Apesar que muitos de nós corre atrás, fico feliz demais por todos que consegue.*

[17] *Isso não é drama, lembrano, não tem essa de drama, de vitimismo, comigo não tem nada disso.*

[18] *Não acho que a gente tem que desistir de lutar por nós aqui ó, que se não vai falar que todo pobre é bandido que preto é tudo bandido. Mentira, tá ligado?*

[19] *A maioria de nós é trabalhador, é gente honesta, sacô?*

[20] *A gente também pode cobrar um pouco de respeito a mais com a gente, sacô?*

[21] *Que de um modo geral para falar a verdade a gente é quem menos incomoda vocês.*

[22] *Que a gente tá acostumado a fazer por nós mesmo.*

Djonga afirma que quem sempre corre atrás do estado para ganhar patrocínio e ganhar dinheiro são os grandes empresários, empreiteiras e bancos, justifica que a maioria das pessoas que moram na favela acordam cedo para trabalhar, afirma que os negros não possuem tanto tempo quanto os brancos para ficarem cobrando as coisas do governo e que os brancos já têm dinheiro e só querem ganhar mais. Djonga ressalta que quem “mama na teta do governo são os brancos”.

[23] Quem tá sempre correndo atrás do estado para ganhar patrocínio, para ganhar um dinheirinho, para entrar num esquema ou outro, é grande empresário, é empreiteira, é banco.

[24] Vai na favela pra ver que [...] que a maioria das pessoas tão fazendo, acordando cedo para trabalhar, a gente não tem tempo para ficar cobrando tanto do estado o tanto de coisa que vocês têm o tempo todo, sacô?

[25] Que cês já tem dinheiro pô, tá ganho. Cês só quer ir lá pra ganhar mais, quem mama na teta do governo é vocês, cara. Quem mama na teta do governo é vocês!

Continua seu discurso informando que, caso alguém queira conversar sobre política, irá conversar sem se importar com a posição política do indivíduo; afirma que existe uma confusão sobre o que é o fascismo, explica que fascismo é um *modus operandi*, sendo uma forma de agir politicamente.

[26] Você vim até mim e quiser conversar sobre política, vou conversar com você, não importa se é de direita ou esquerda. Não importa, sacô?

[27] Que sempre existe essa confusão do que é fascismo. Fascismo é um modus operandi.

[28] Fascismo não é direita, fascismo não é esquerda, fascismo é um modus operandi, é uma forma de se agir politicamente, pessoas que não sabem dialogar, pessoas que querem impor o pensamento, pensamento hegemônico.

Ao responder o último comentário que se refere ao elogio de um fã para o novo álbum de Djonga, o *rapper* responde um singelo “obrigado”, sem o uso da ironia, o que deixa ainda mais evidente a ironia nas situações anteriores. É nesse sentido que a entonação da

voz, juntamente com a expressão facial, características pertencentes à modalidade oral da língua, permitem a análise discursiva.

Djonga afirma que sua responsabilidade social é como a de qualquer outra pessoa, pontuando como única diferença a de que o erro de alguém como ele possui um peso maior porque há muitas pessoas observando o que ele diz. O *rapper* encerra seu discurso dizendo que quem tem responsabilidade política deve “pensar mais no novo e ser mais inteligente”.

[29] Obrigada!

[30] Minha responsabilidade social é como de qualquer um de vocês aqui.

[31] Única diferença é que, pra mim, errar tem um peso maior, porque tem mais gente olhando pro que eu digo, tem mais gente se inspirando em mim, sou um cidadão que paga meus impostos, né. Inclusive tem hora que são muito caros.

[32] Mas pra quem tem responsabilidade política real, quem tá querendo jogar esse jogo, quem tá jogando esse jogo, brother.

[33] Vamo pensar mais no novo, vamo ser mais inteligente, vamo errar menos, véi.

Em todo o objeto de análise há dois centros de valor axiológicos que se digladiam concomitantemente, o discurso racista presente nas perguntas e o discurso antirracista de Djonga. No momento em que a ideologia antirracista se contrapõe a ideologia racista, o *rapper* emprega a ironia, através do sorriso, das respostas lacônicas, das expressões faciais. No momento em que Djonga fala “não entendi”, podemos compreender que não significa que ele de fato não entendeu, mas aponta para o sentido de que o que foi dito é tão absurdo que foge à compreensão dele. Há ironia, também, quando fala do extermínio dos povos originários: “estão superprotegidos mesmo, super protegidos, os que sobraram” (L 4); o uso do prefixo super acentua ainda mais a ironia da fala, complementada, seguidamente, pela quebra de expectativas trazida pela conclusão do trecho “os que sobraram” (L 4).

Nota-se que (L 10) Djonga assume um *ethos* enunciativo que evoca sua formação em história, pois fundamenta os argumentos acerca da igualdade racial, teorizando de maneira explicativa sem a presença da ironia em sua fala. É possível observar que Djonga retoma conceitos e fatos vividos e, conforme afirma Orlandi (1999, p. 68), “[...] fatos

vivididos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação”; o *rapper* se posiciona e, conseqüentemente, os sentidos se constituem.

É possível interpretar o uso do “nós” (L 16, 18 e 19), referindo-se à relação dialógica de dependência entre o verbal e o visual nesse objeto. No momento em que o *rapper* fala que todo preto é bandido, ele retoma discursos reportados, ou seja, a relação interdiscursiva retoma discursos racistas. Dessa forma, ao realizar uma análise, é fundamental considerar as outras vozes sociais presentes no texto, visto que são fundamentais para compreender “o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 32).

Outro elemento linguístico relevante para esta análise é a forma pronominal “a gente” (L 18, 20, 21 e 22); esse elemento aponta para a coletividade do que é ser negro, bem como evoca a semelhança das violências sofridas em função da cor da pele. Djonga, ao repetir reiteradamente este elemento, aponta linguisticamente para o caráter coletivo do que é ser negro no Brasil. Em oposição, ele utiliza o termo “vocês” (L 21), para se referir aos brancos, ou ainda, à branquitude – enquanto grupo social e enquanto episteme – responsável pelas violências direcionadas aos negros. Na continuação, Djonga afirma: “Quem mama na teta do governo é vocês” (L 25), retomando uma voz social recorrente no campo político, quando grupos mais conservadores falam sobre as leis do incentivo à cultura.

Ao falar sobre Fascismo, afirma: “Você vim até mim e quiser conversar sobre política, vou conversar com você, não importa se é de direita ou esquerda” (L 26), justamente pelo caráter dialógico entre as questões raciais e as questões políticas, principalmente se considerarmos o contexto sócio-histórico que estamos inseridos atualmente, em que questões sociais são interpretadas dentro de uma binaridade política. Desta maneira, o discurso materializado no vídeo está sócio-historicamente situado e sua natureza dialógica aponta para a responsividade, a partir da qual o indivíduo produz o seu discurso sempre em vista do outro.

Considerações Finais

Tendo em vista os argumentos apresentados, faz-se necessário destacar que as relações dialógicas presentes nos discursos que circulam

na esfera digital são ricos objetos de análise, dada a pertinência das temáticas abordadas e do grande alcance social que eles têm. As práticas discursivas contidas nesses objetos verbo-visuais contribuem para a compreensão de diferentes vozes discursivas.

No objeto analisado neste trabalho, especificamente, o discurso do *rapper* Djonga dialoga com outros discursos, utilizando outras vozes, para reforçar sua argumentação. A partir de uma concepção de linguagem como interação podemos observar como os discursos – tanto de Djonga como dos comentários e perguntas – estão atrelados a posições valorativas em relação às categorias racismo e antirracismo. A análise do discurso de Djonga contribuiu para entender as posições ocupadas pelo sujeito discursivo: homem negro, *rapper*, que enuncia do ponto de vista de quem nasceu e cresceu em uma comunidade; lugar este que atravessa sua construção discursiva e ideológica antirracista.

Como afirma Diane Macdonell (1986, p. 59) “todos os discursos são ideologicamente posicionados; nenhum é neutro”. Assim, ao analisarmos e desvelarmos os efeitos de sentido, observamos que o *rapper* produziu seu discurso, sócio-historicamente situado, contrapondo-se à estrutura social que, por muitas vezes, silencia a voz de pessoas negras, enquanto os comentários reproduzem discursivamente o racismo estrutural. Dessa forma, o dialogismo é um princípio constitutivo da linguagem.

A análise, portanto, corrobora com a compreensão da indissociabilidade dos elementos verbo-visuais no processo de construção dos sentidos e dos efeitos de sentido, bem como teorizamos no início do texto. O vídeo-*post*, enquanto objeto de análise, permitiu a visualização da articulação entre diferentes modalidades de linguagem, sobretudo por se tratar de um gênero do digital que, além de integrar diferentes semioses, desafia os limites da fisicalidade.

Cabe salientar o caráter ideologicamente orientado dos processos de edição que, nos gêneros do digital, contribuem para a orientação discursivo-ideológica dos enunciados. Assim, mesmo que virtuais, tais enunciações, entendidas enquanto atividade, geram efeitos: discursivos e sociais. Assim, enquanto elemento que constitui valores sociais, carece de aprofundamento analítico.

Por fim, este trabalho contribuiu para as pesquisas que têm voltado suas análises para os efeitos de sentido possibilitados pela multimodalidade. Além disso, em consonância com uma perspectiva engajada e crítica da Linguística Aplicada, as discussões aqui

empreendidas contribuem para a compreensão das relações raciais em contexto brasileiro, evidenciando como este problema social está intimamente relacionado aos usos da linguagem.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEVEDO, M. C. S.; DAMASCENO, M. Negação da realidade histórica: Racismo Reverso entre Colonialidade, Direito e Diferença. **Revista Videre**, Dourados, MS, v. 13, n. 28, p. 312-330, set./dez. 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/12863>. Acesso em: 18 mar. 2022.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Unicamp, 1997.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre a literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução, organização, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 57-79.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARONAS, R. L; ARAUJO, L. M. B. M; PONSONI, S. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 24-42, jul./dez. 2013.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 161-193.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEAL, A. P. de B; COSTA, A. C. de S. Os efeitos discursivos nas mensagens de aplicativos de conversas virtuais. In: LIMA, A. M.; FIGUEIREDO-GOMES, J. G.; SOUZA, J. M. R. de (Org.). **Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. P. 35-42.

LEÃO, J. O. Breves considerações sobre o “Conceito de ironia em Soren Kierkegaard”. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 13, n. 144, p. 6-11, maio 2013.

MACDONELL, D. **Theories of Discourse**: An Introduction. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

MACIEL, I.; SOUZA, I.; SILVA, I.; GOMES, M. **Todo dia um branco passando vergonha**: uma pesquisa sobre a relação entre a apropriação cultural e o discurso do racismo reverso. São Paulo, 2019. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4702121/mod_resource/content/1/Todo%20dia%20um%20branco%20passando%20vergonha_comentado.pdf. Acesso em: 18 dez. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, L. P.; DANTAS, M. A. C. de O. Gêneros orais e ensino: entre o dito e o prescrito. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 137-153, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v28i2p137-153>. Acesso em: 7 jan. 2022.

SANTOS, D. J. da S.; PALOMARES, N. B.; NORMANDO, D.; QUINTÃO, C. C. A. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, Resende, SP, v. 15, n. 3, p. 121-124, jun. 2010.

SILVA, G. H. G. Um panorama das ações afirmativas em universidades federais do sudeste brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 184-207, jul./set. 2019.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. **Revista Diálogos**, Cuiabá, v. 5, n. 1, p. 60-68, 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>. Acesso em: 15 nov. 2021.